

...CRÓNICA DE FESTINS PERCEPCIONAIS...

HUGO MORANGO¹⁹⁷

Resumo:

Em três dias o mundo muda...regressa-se a um tempo de criação e difusão partilhada do que torna uma geração característica. Festivais de ideologias urbanas em locais bucólicos ribeirinhos, que na sua particularidade se aproximam às romarias e a alguns conceitos religiosos. São as vivências e observações desses dias que compõem esta crónica etnográfica.

Abstract:

The world changes in three days... returning to a time of creation and shared diffusion of what makes a generation unique. Festivals of urban ideologies in riverine bucolic places that draw near the «romarias» and some religious concepts. It's the experiences and observations of those days that fill this ethnographic chronicle.

¹⁹⁷ Aluno Finalista de Antropologia da Universidade Fernando Pessoa.

...eu vi caras que poderiam ser colinas, grandes jardins de vida,
clareiras de pensamentos, poderosos olhares de rio,
vestidos inocentes de uma pobre rainha das fadas...
ri, suaves olhos, guardadora de animais...
os portões estão escondidos nos bosques sem caminhos,
a terra de ninguém onde todos vagueamos...
poucos encontrarão os sinos da casa na natureza...
os teus sonhos,
cartografados em três dias...
nas noites, gritos chamam a sacerdotisa selvagem
que não mais rodeará com um fosso o seu amor...

Vilar de Mouros, Paredes de Coura, Zambujeira do Mar, Carviçais, Ermal... Durante o Verão, por todo o país, com especial incidência no Norte, fluem os festivais de Verão. Festas em que sob pretexto musical, milhares de pessoas se juntam num ambiente natural e rural, afastado dos locais do dia-a-dia.... Se há trinta ou quarenta anos fosse este texto redigido, os topónimos seriam diferentes, o pretexto também, mas, os objectivos dos agrupamentos de milhares de pessoas de então, seriam? e as suas vivências e percepções durante a sua estadia num qualquer paraíso perdido no meio de uma serra, como a da Peneda, a de S. João de Arga, ou a da Lapa, seriam? Não eram levados para aí pela mesma “nostalgia do paraíso” de que Mircea Eliade fala, ou seja, do “desejo expresso pelo homem de se achar sempre e sem esforço no coração do mundo, da realidade e da sacralidade e, em suma, de superar de maneira natural a condição humana e recobrar a condição divina” (Eliade, 1997, 474)? Claro que é discutível a maneira natural dessa superação ou mesmo se ela existe... Mas teremos de ver os conceitos de “maneira natural” (a suposta superação é feita «às claras» sobretudo com produtos naturais – álcool, haxixe - só este ano o «artificial» extacy surgiu aqui despreconceitadamente) e de “divino” (aqui entendido como o acesso ao tempo mitológico criador de referências pessoais, grupais e geracionais) para os seus participantes, porque é deles que se trata neste trabalho (eu sou um deles). Este texto não tratará de pessoas analisadas pela ciência, mas de vivências em si; é uma etnografia privada, uma descrição de uma mitologia, sem os contos que compõem e que cada iniciado guarda.

Desde 1996, altura do regresso da aldeia de Vilar de Mouros aos ambientes festivaleiros, que frequento anualmente estes festins. Portanto, há já sete anos que ininterruptamente nenhum Verão foi passado sem a passagem por estes rituais percepçionais. Foi a partir destas vivências - todas diferentes, todas

elas completamente participantes e todas elas com a inevitável percepção que o bichinho da antropologia «oferece», que a base etnográfica deste trabalho foi realizada. Nunca o foi intencionalmente, daí a anterior referência à etnografia privada. Também é privada pois parte do meu modo de ver quem protagoniza estes eventos.¹⁹⁸

Como o poder, assuntos de estado,
parecem expirantes para os neófitos pacíficos anarquistas,
que se restringem adornando a sua própria desconhecida condição...
a minha brisa animista processa
curtas metragens impressionistas, entrelando inocência insegura...
insurreição de uma nova ideologia, ex professo joint -
a companhia da comunidade...
risadas estrangeiras num velho actualizado circo, freak show...
nostálgico, heráldico, popular...

Este estudo tem por objectivo mostrar um pouco de um universo que se cria durante os dias dos festivais de Paredes de Coura e de Vilar de Mouros, mostrar acima de tudo o ambiente de um universo à margem de leis estatais, à margem da urbanidade que rodeia os seus participantes durante o resto do ano. Um universo em que as sensações, as descobertas e as experiências tocam quer o sublime, quer o mais belo absurdo cinematográfico. Mostrar sobretudo. Raramente tentar explicar, tal e qual um filme de David Lynch. Por vezes, ligar-se-á os festivais às romarias «populares» e/ou ao sentido de sagrado, de festa e de espaço. Sendo que é sobre estes que se baseia a bibliografia.

Tal como num festival não haverá, capítulos apenas a espontaneidade de deabulamento de pensamento...¹⁹⁹

¹⁹⁸ Alguns dos termos não serão explicados, só serão compreendidos pelos «iniciados», um procedimento vulgar em ciência... apesar de aqui o ser pelo oposto. Este texto vira-se para quem é retratado, em vez de para o interior científico.

¹⁹⁹ Resta referir que as notas que introduzem cada uma das partes deste texto formam um todo que já havia sido redigido no passado. Foi a partir dele que surgiu a ideia desta descrição etnográfica.

OS FESTINS...

“À vida regular, ocupada nos trabalhos quotidianos, sossegada, sujeita a um sistema de interditos, cheia de preocupações (...) opõe-se a efervescência da festa.(Caillois, 1988, 95).

Dia-a-dia de trabalho, de aulas, o controlo e a postura condicionam o desenrolar das nossas acções, limitam-nos os conhecimentos, fecham-nos em salas sem pormenores que sejam novidade...deixam-nos poucas alternativas para que a criatividade e a transcendência nos elevem.

Depois, há aqueles dias em que constantemente nos surpreendemos, nos sentimos vivos pela beleza que todos os nossos sentidos nos trazem, fazendo-nos divagar por todas as hipóteses que os momentos nos oferecem de transformar a nossa vida. “Cada ser em determinados limites, (...)os (...) limites naturais [naturais, aqui em sentido diferente do acima evocado], (...) privam-nos de todos os poderes mágicos que lhes permitem [aos seres mitológicos] realizar instantaneamente os seus desejos” (Caillois, idem, 102): a fase da criação do cosmos, festivais, romarias, que nos integram numa “época a-temporal” (Eliade, 1997, 530). A-temporal porque as coordenadas mudam, não só as espaciais, mas porque o sistema social é destruído em direcção a uma anarquia aparente, ao caos que a ausência de estrutura leva... à liberdade hierarquicamente descontrolada, temida por qualquer estado, que sem dúvida a permite esporadicamente por isso mesmo.

Os santuários dizem respeito a toda a região, sendo mais importante que a igreja matriz (Espírito Santo, 1990, 91). O mesmo se pode dizer dos festivais de Verão em relação às festas locais, que podem também demorar vários dias (ex.: Queima das Fitas) mas que não implicam o mudar de ambiente quotidiano. “A romaria como utopia, estabelece-se «em outro lugar»” (Sanchis, 1992, 141). Aí encontram-se “forasteiros de toda a região e mesmo de terras distantes” (Oliveira, 1995, 219). O festival decorre entre este *outro lugar* físico, longe de casa e de todos os controlos sociais que a vida quotidiana em sociedade implica. É um lugar imaginário (“which may be «imaginary» only from the point of view of an observer from another culture or period” (Rapoport, 1994, 479) onde residem todas as expectativas, histórias e vivências “de emoções intensas e de metamorfose do ser” (Caillois, 1998, 97). A combinação destes dois lugares fazem com que a música oficial, tal como a religião oficial nas romarias, sejam apenas um dos alicerces da festa.

Linda...

a sua carruagem traz uma carta anónima
que a multidão não homogénea vai sacrificar...

sonhos infinitos,

êxtase a toda a volta de tendas cogumelo,
museu dos nadadores cigarros recheados,
iniciação instantânea através da liberdade.

geófago gentleman da tv

chupando a seiva das gerações,

da zoologia do teu grupo.

Moisés Espírito Santo fala da inacessibilidade simbólica dos santuários (1990, 93). Talvez se possa falar do mesmo em relação aos locais dos festivais. Sabendo que a maioria da população que os frequenta não é do local, chegar a um local no coração do Alto Minho reveste-se de uma aura de aventura. Naturalmente que os que vão de automóvel não sentem tanto como os que vão de transportes públicos (que não raro têm de apanhar camioneta, comboio e ainda ter de se deslocar a pé com a mochila às costas) toda a inacessibilidade, sobretudo se da primeira vez se tratar. Não se pode falar de romeiros “em rugas festivas”, armando bailaricos nas localidades por onde passam (Oliveira, *idem*, 220). Mas pode-se referir os comboios cheios, que partem pela manhã no primeiro dia dos festivais da estação de S. Bento, em direcção a Caminha ou Valença. No comboio já se sente a festa da fuga. A confraternização com os habitantes dos lugares por onde se passa é quase inexistente, aparte das conversas que os passageiros “normais” vão tendo com os “estranhos” jovens, quer demonstrando curiosidade por toda a diferença, quer o desprezo de quem já passou «por muito na vida para ter de assistir a isto». Não devemos esquecer que “a manifestação do insólito e do extraordinário provocam geralmente o medo e o afastamento” (Eliade, *idem*, 45). De qualquer modo, a viagem serve de iniciação à liberdade que em breve chegará, faz parte já de todo o ritual tal e qual na romaria (vid. Espírito Santo, Pierre Sanchis)

Os locais de destino, como já referido, são rurais, enquadram um rio (o Coura) e uma praia fluvial em cada um deles como um dos seus principais componentes. Desenrolam-se “num local tradicionalmente fixado e situado no exterior (...) do espaço normalmente habitado” (Sanchis, *idem*, 142). Os acampamentos ficam em antigos campos de cultivo. Claro que todo o local é alterado fisicamente, tal como nas romarias (*idem*). Embora em vez da profusão de enfeites folclóricos, multiplicam-se sobretudo estruturas utilitárias

(casas de banho, palcos, entradas, mapas, setas indicativas). O mesmo se passa a nível estatutário, por ex. os campos passam a ser dormitórios, as praias fluviais locais ficam quase reservadas aos frequentadores do festival. Indo ao exemplo mais básico, na praia de Paredes de Coura no resto do ano é proibido jogos com bola, naqueles dias até utensílios de malabarismo com fogo reboam pela relva (isto para não falar da liberdade em relação ao haxixe).

Após a viagem, a chegada ao local é um dos momentos mais belos de ser vivido, quer seja a primeira vez com todo o espanto da descoberta, quer não - devido às “emoções e experiências (...) [que] permitem cristalizar uma história em pontos precisos do espaço” (Sanchis, idem, 141) - o sorriso e o brilho nos olhos acentuam-se ao deparar com toda a beleza do local, enquadrado pelo rio, pelos campos e árvores. Há pessoas a caminhar em todas as direcções já «festejando»; ouve-se o sound-check das bandas misturado com os ritmos mántricos dos batusques e com as aparelhagens das barracas de comida e cerveja; vai-se passando em direcção aos locais de acampamento, onde as cores das tendas dão uma dimensão psicadélica ao verde da paisagem.

Primeira coisa a fazer (se exceptuarmos o ir beber uma cerveja, fazer um charro, etc.) é encontrar o sítio para montar a tenda. Apesar de à primeira vista a disposição das tendas parecer caótico, não o é, pois “since built environments are a product of purposeful human activity, and of culture, (...) there is always an order present” (Rapoport, 1994, 466). Então, ou se procura os amigos que já lá estão desde o início da semana e que vão tentando manter o lugar «reservado», através de fitas delimitadoras amarradas a árvores; ou se procura o melhor sítio tendo em atenção três factores: sombra, acessibilidade a casas de banho e acessibilidade ao resto do recinto. Monta-se a tenda de modo a criar uma espécie de pátio pessoal ou comum entre as várias tendas fraternas. À medida que se vai definindo a estrutura da tenda e instalando “provisoriamente a vida” (Sanchis, idem, 143), vão-se conhecendo os vizinhos dos próximos dias. Quando ao fim do dia as tendas estão montadas, andar entre elas é uma experiência labiríntica que podemos ligar remotamente com os rituais de iniciação que têm como “objectivo ensinar ao neófito (...) a maneira de penetrar sem se perder, nos territórios da morte” (Eliade, idem, 472). Os roubos são raros, ficando por isso muitas tendas sem cadeados.

Mal a tenda esteja montada e as coisas arrumadas (segundo o conceito de cada um) começa a deambulação e a imprevisibilidade livre de horários.

As primeiras deambulações são feitas para reconhecimento do terreno, onde se vai apercebendo aleatoriamente as entradas para os palcos, os chuveiros, os bares e todo o tipo de estruturas complementares. Por vezes, a organização distribuí panfletos com mapas, horários e outras informações que podem ser úteis, como onde comer ou apanhar transportes públicos.

À medida que se vagueia pelo espaço, por entre todo o caleidoscópico de pessoas, há alguns aspectos que sobressaem como unitários. Os batuques ressoam de todo o lado, muitas vezes acompanhados de palmas, guitarras, garrafas e panelas, não raro no acampamento toda uma zona toca o mesmo ritmo pontuado por assobios e gritos “alucinados”. Tenda sim, tenda não, há alguém a misturar na palma da mão tabaco com haxixe, sob o olhar despreocupado dos amigos, que vão mantendo a banda sonora, e do desinteresse de quem passa. A banda sonora não vem só dos batuques, mas também de leitores de cassetes portáteis que sobretudo emitem metal (nomeadamente *black e nu metal*) e hardcore por vezes disputados com Bob Marley e Xutos. Claro que a variabilidade é muito maior, como exemplo, eu já ouvi Mortiiis (um projecto norueguês de música ambiental com espírito medieval por volta das quatro da manhã em Paredes de Coura. Estes rádios retiram um pouco do ambiente pacífico que se vive, sobretudo quando se ouve as tendências musicais mais pesadas/violentas.

Este ambiente pacífico é uma das maiores diferenças em relação ao resto das festas e talvez por isso mesmo, um dos seus maiores atributos. Provavelmente quem nunca lá esteve não imagina a paz que existe entre as pessoas, o «tá-se bem» é o melhor definidor desse estado e mantém-se ao longo de cada dia durante do festival. Existe uma verdadeira confraternização entre todos, trocando-se utensílios necessários à montagem da tenda ou à confecção de comida, oferecendo-se um gole de cerveja ou uma passa do charro, gritando-se «ó vizinho! Tens aí...?», acompanhando o ritmo e a melodia das músicas que se ouvem ao lado... Um momento envolvente dá-se quando numa parte do acampamento um grupo começa a gritar, alastrando-se os berros, risadas, assobios e batucadas descontroladas em *crescendum* infinito a todo o acampamento. Mal esta onda passa, recomeçam as frases soltas e os ritmos certos

Apesar disto, sente-se que o pacifismo tem vindo a ser ligeiramente alterado, sem ser posto em causa no seu fundamento. Já se ouvem por entre os gritos que ecoam pelos vales, alguns insultos, sem motivação de provocar incidentes, mas que demonstram já uma alteração nos últimos dois anos. Isto pode

acontecer devido a uma afluência numérica maior e a uma questão de moda, pois nos primeiros anos que eu frequentei festivais assisti à ascensão e queda do preponderante e pacífico revivalismo hippie.

Quando se vê uma reportagem no telejornal, o locutor acrescenta sempre o ridículo: «até agora não houve problema nenhum», aparte que demonstra ignorância do que ali se passa. Nunca assisti a nenhum desentendimento de maior, nenhuma briga, o que não queira dizer que não aconteçam (leia-se o Jornal de Notícias de 14.07.2002, pág. 43). Ora, isto não acontece nas romarias, nem nas festas onde a violência faz parte do ritual (vid. Moisés Espírito Santo, 1990, 142; Pierre Sanchis, 1992, 175 a 178; Caillois, 1988, 96). Relativamente aos profissionais de tv, assisti a um momento que me deixou bastante triste e confuso quanto aos valores humanos vigentes. No meio dos concertos começou a ser transmitido um *sketch* de concertos nos EUA, onde raparigas do público se despiam. Ora, nada mais «interessante» do que colocar a câmara minutos a fio apontada para raparigas da assistência, enquanto o público «macho» e dois apresentadores de televisão as incitavam a fazer o mesmo. Após vários minutos, uma rapariga disse que mostrava um peito. Se muito rápido o fez, nada melhor que uma boa pausa no momento certo para a expor a milhares de pessoas. «Ela só mostrou porque quis», é certo. Todos sabemos o enorme peso que a tv tem na imaginação de muitas pessoas. Naturalmente, quem quiser mostrar, tem o direito de o fazer... tal como voyers protegidos por instituições sociais não tem direito de as usar como meio de coerção.

No documentário que a Warner fez sobre o festival de Woodstock de 1969, durante uma série de entrevistas à população local, dois senhores discutem sobre o uso de drogas. Afirmava um deles que ali estavam milhares de jovens sob o efeito de drogas e que nenhum tinha sido mal educado, nem tinha ocorrido qualquer tipo de violência, enquanto que se dessem umas garrafas de whisky a trinta homens, o mesmo não aconteceria (...). A meu ver, o pacifismo não advém apenas do consumo de drogas, principalmente o haxixe, mas sobretudo de uma vontade de diversão e bem estar que não se coadunam com comportamentos violentos ou rudes. Claro que, e recordando mais uma vez Caillois: “o homem, ainda que escape a tudo o mais, fica irremediavelmente preso às instituições arquetípicas, criadas no momento em que tomou consciência da sua situação no cosmos”, facto que pode explicar um pouco da paz revivalista.

Sabe-se que o conceito de festival, como hoje é realizado, deriva da contracultura hippie. Esta defendia a paz, o contacto com a natureza, bem como o consumo de drogas psicadélicas (haxixe, cogumelos, ácidos). Parece-me natural que haja uma continuação, embora sem dúvida não propositada na maior parte dos casos, desse espírito que se torna um mito: “o mito é sempre um precedente e um exemplo, não só em relação às acções - «sagradas» ou «profanas» - do homem, mas também em relação à sua própria condição” (Eliade, idem, 515). Mas se existem os neo-hippies que hoje em dia se diluem nos chamados freaks, muitos outros estilos se encontram e misturam. Metaleiros, fãs de nu-metal, pouquinhos punks da velha guarda, «*late twenty-agers*» rurais, alguns ravers, alguns betos, alguns «cotas» e uma massa anónima estilisticamente, que geralmente segue o que se encontra sem radicalismo na moda não radical. Tal como antigamente, a população cria mitos contra as autoridades civis e eclesiásticas, lembre-se os corpos santificados pelas populações (para este assunto vid. Dias, 1985).

Os freaks e neo-hippies parecem assentar como uma luva em todo aquele ambiente, apesar de os objectivos filosófico-políticos dos festivais dos fins de sessenta, inícios de setenta não se repetirem. Aí, são os que mais conseguem voltar “a dar vida aos seres (...) actualizando-os” realizando “assim a sua comunhão com o princípio donde retiram a sua força e onde bebem a vida (Caillois, idem, 107), o mito sobrevive sob a forma de hábitos e nostalgia (idem, 532). Não admira por isso que sejam os que frequentam maior número de festivais por Verão. Estes, aparte dos concertos, são os centros de atenção a nível de «espectáculo» com o malabarismo e batucadas experientes. Normalmente à noite em Paredes de Coura, faz-se uma enorme roda de pessoas a tocar batuques, berimbaus e tudo o que estiver à mão, bebendo e fumando, sendo que no meio dançam os malabaristas numa fluída dança entre o corpo, fogo e objectos. Este é outro dos momentos mais belos do festival. Enquanto que o aparecimento dos altifalantes “foi a extinção – ou quase – de outras vozes, tornando impossível outras manifestações que davam tradicionalmente a principal característica aos arraiais de romaria: a voz dos coros espontâneos rurais, a música dos instrumentos populares e as danças” (Sanchis, idem, 157) o mesmo não acontece nos festivais. Hoje já não há cantigas ao desafio, passou a haver batucadas ao desafio. Os batuques, por vezes, tornam-se alvo de críticas pois nunca param, incomodando quem quer dormir.

“A festa é um sonho vivido (...) designa uma configuração não real da vida social, para a composição da qual são redistribuídas não só todas as cartas do jogo social efectivo (...) mas também esta distribuição se opera no vago, na

indistinção, na interpenetração e na fusão. (...) Mas se a festa, (...) implica uma tendência para a confusão das categorias (...) esta afirmação deverá ser sociologicamente precisada” (Sanchis, idem, 139-140). As variedades socio-económicas quotidianas não encontram eco nos festivais, mas como demonstrado no último parágrafo há mais protagonismo de certos grupos, o que inevitavelmente os eleva. De qualquer modo, devido à tendência de endogamia estilística a hierarquização é estilizada dentro de cada estilo e dos seus grupos constituintes.

É facilmente perceptível as diferenças de proveniência dos vários grupos que se juntam no emaranhado de tendas. Os “urbanos” são a grande maioria nos dois festivais, sobretudo em Coura. São substancialmente mais inovadores e exploradores de todo o estilo que adoptam na sua maneira de estar e vestir. São também os únicos em que no grupo populam raparigas integradas por si só, ou seja, que não vão acompanhadas pelos namorados. Por outro lado, os “rurais” são geralmente mais velhos; distinguem-se pelo uso de t-shirts pretas de bandas que já foram substituídas nos leitores de cd urbanos ou t-shirts do festival que está a decorrer; pelos lenços na cabeça; pelas botas (que não são as «doc-martens» citadinas); pelas bandeiras de Portugal e cartazes com o nome da sua terra; pela música rock portuguesa no rádio e por uma profusão de utensílios dignos da descrição que Miguel Esteves Cardoso fez das férias tipicamente portuguesas em *A Causa das Coisas*: “Um português é, por definição, um ser apegado ao lar. É por isso que, quando vai de férias, não gosta de deixar o lar em casa (...) segundo o princípio nacionalmente consagrado de que *tudo* pode vir a dar jeito” (101). São os que vêm em grupos mais numerosos, sendo também por isso, os que ocupam maior espaço territorial proporcional. Os seus «pátios» são os maiores, de modo a receberem as redes, fogareiros, cadeiras e mesas.

...eu partilho o vinho dos velhotes
e licor de pêssego com um amigo - lavando a percepção...
sátiros baptizados nos próximos arbustos,
gritando e rindo, deleitando a sua condição temporária...
a estrutura de células:
epicentro - violência da electricidade e showbizz,
mas também luzes naturais e sons orgânicos a toda a volta:
dançarinos de fogo, danças esquecidas, alegria coroada.

Com um carácter ritual ou simplesmente de decompressão, depois de um severo controle (vid. Caillois, idem, 98 a 100), o facto é que os festivais pressupõem o excesso, “um estado de efervescência, e por vezes de delírio que é aparentado com o estado religioso (Espírito Santo, idem, 73).

Não existem os festins alimentares característicos das festas populares, exceptuando talvez em alguns grupos rurais, que no seu fogareiro, ficam tempos e tempos a grelhar carne. A comida mais típica são os enlatados ensanduichados ou aquecidos num «camping gaz», as refeições, sopas e batatas de pacote e bolachas, muitas bolachas. Quem não quer ter trabalho, pode escolher entre as barracas de cachorros, bifanas e hamburguers, os frangos de churrasco e pouco mais. Quantidade neste caso não representa variedade, muito menos qualidade. Mas o que interessa é não ter fome e ter o aparelho digestivo composto para aguentar os imprevistos.

Aqui os excessos visam a alteração perceptual sobretudo na forma de álcool (cerveja e vinho) e haxixe, embora não chegue a existir o «caos» hospitalar que se dá na Queima das Fitas. Mais uma vez, estes actos tornam-se “a imitação e a reprodução dos gestos realizados *in illo tempore* pelos seres míticos” (Eliade, idem, 456). Claro que o tempo mítico está datado, até filmado, mas permanece a mesma aura de mistério referente a uma época em que “o extraordinário era regra” (Caillois, idem, 101). O tempo em que nada estava estabilizado (...) [nem] nenhuma regra fixada” (idem), ou seja, todas as possibilidades de criação do que actualmente é, estavam em aberto e sob a alçada intuitiva dos seus criadores: a época do caos primordial. Para mim, as possibilidades de (re)criação é um dos maiores atractivos destes dias, pois aqui definem-se e alastram-se modos e modas que influenciam toda a geração.

O local natural, a época do ano (de meio de Julho ao fim de Agosto, enquanto que as romarias são maioritariamente de “de 10 de Agosto a 10 de Setembro, e

centenas (...) decorrem a 15 de Agosto [Espírito Santo, idem 138]), o haxixe e o álcool transportam os participantes deste ritual a essa época de extraordinário, que não comporta uma estabilidade comprometedora. A mente e o corpo vagueiam sem regras, entrelaçando todas as condicionantes psicológicas pessoais e os estímulos externos. Desta fusão nasce o “filme”, “a viagem”, o festival.

As duas substâncias são consumidas à vista de todos, em qualquer lugar dentro do espaço do festival. Quando as «famílias», ou seja, os locais que vêm fazer o seu passeio de domingo em família passam, nada é escondido. Se muitos curiosos passeiam pelo recinto, raros são aqueles que se aventuram pelo meio das tendas, criando-se nesse espaço labiríntico uma fortaleza. A polícia faz-se representar em menor número do que seria de esperar face a tal ajuntamento, também não é necessário manter qualquer tipo de ordem que ponha em risco quem quer que seja. Em Vilar de Mouros do último ano, vi pela primeira vez dois GNR's irem à zona do acampamento. Claro que a sua presença foi logo denunciada, de modo que quem estivesse a fazer algo de ilegal saberia logo. «-Ólha a bófia!» O Jornal de Notícias de 14 de Julho de 2001, na reportagem sobre Vilar de Mouros, cita o Capitão Reis da GNR de Viana do Castelo onde este afirma que: “Sobre o consumo de estupefacientes nos festivais não vale a pena intervir. Actuamos, sim, mas em situações de tráfico. Ou de consumo de drogas como heroína ou cocaína”.

multidão suburbana observa e os medos interiores fluem nas suas veias
nefelibatas,
eu consigo sentir a confusão nos seus olhos...
os mesmos que gritaram raiva para a casa violentada.
as coordenadas mudam...
quando é que vocês dormem debaixo das árvores? Livres...

Regressa-se ao caos primordial anárquico e aberto perceptualmente à criação da identidade pessoal, grupal e geracional. Mas, tal como o sagrado, este caos “atrai e repele, é útil e perigoso, tanto dá a morte como a imortalidade” (Eliade, idem, 475).

“Não existe festa (...) que não comporte um princípio de excesso e de pândega” (Caillois, idem, 96), apresentando “características idênticas a qualquer outro nível de civilização (...) [incitando] as pessoas a abandonarem-se sem vigiância aos mais irreflectidos impulsos”(idem, 95). O delírio povoa aquele

espaço e este facto, provocador de repulsa aos não iniciados, mostra-se como um quadro extraordinariamente harmonioso aos iniciados, onde se encaixam desde o mais belo sorriso de quem passa ao mais repugnante vómito dentro das casas de banho portáteis. “Os ritos não são feitos para que a eles se assista, mas para que neles se torne parte. Espetáculos ilusórios, desoladores, só poderiam ter vida se deixassem de ser o que não são: espectáculos” (Hatzfeld, 1997, 115).

Nos dias de festival a resistência é permanentemente testada, devido aos excessos a que o corpo é sujeito. Já referi os alimentares pela negativa e os alteradores da percepção pela positiva. Pode-se falar agora do dia a dia destes «não-dias», para melhor se entender como este teste se processa (lembre-se que as variáveis são infinitas). Neste universo, como lhe tenho vindo a chamar, o conforto é incomparavelmente menor ao que a maior parte das pessoas têm em casa.

Dorme-se em tendas, que se não forem bem situadas cedo obrigam à alvorada. De resto, o barulho é ininterrupto, quer sejam batuques ou os inevitáveis gritos de alvorada. Quando se acorda, querendo tomar banho há duas hipóteses: o rio ou os chuveiros; o banho de imersão ou de aspersão, ambos gelados. Para os chuveiros, que tal como o rio são unisexo, o mais certo é esperar 15 a 20m pela sua vez. Depois de uma voltita ou um regresso à tenda e de qualquer coisa comida, começa o festim percepcional (isto se este já não começou logo ao acordar, pois não é muito raro ver os olhos remelentos tornarem-se vermelhos). Pela manhã pouco há para fazer, para além do referido. Exceptua-se conseguir dormir ou ir ver o *sound-check* das bandas do palco secundário (bandas portuguesas em início de carreira, quantas e quantas vezes mais interessantes que as estabelecidas –ouça-se *Bypass e Astonishing Urbana Fall*).

Por volta da hora de almoço, quando o calor aperta mais, tornando-se insuportável para quem não está à beira rio ou à sombra, chega a hora das cervejas e do almoço. A moleza trazida pelo calor e pela fase pós-almoço é muitas vezes aproveitada para o descanso, claro que não é a fase do dia mais calma; os batuques puxados pelos charros pós-almoço entram no início do seu ciclo crescente. Agora há também a oportunidade de ver o artesanato, que tal como nas romarias figuram em “centros de troca, improvisados e geralmente modestos” (Espírito Santo, idem, 145).

Existem dois tipos de venda nos festivais, os oficiais e os clandestinos. Os oficiais são as barracas de comida e bebidas, as tendas de artesanato dentro

do recinto de concertos (abarcando barracas da América do Sul, roupa não convencional, acessórios para fumar haxixe, cd's, etc.) e a barraca de merchandising das bandas e do festival. Os clandestinos abrigam as vendas no espaço de acampamento. Há comida como pão ou esparguete comercializados pelos próprios campistas. Obviamente também se vende haxixe. Depois há os senhores de meia-idade a vender t-shirts «piratas» do festival e das bandas que tocam nesse ano. E há também as maiores preciosidades de todo o comércio que aqui se faz: o artesanato «clandestino». Um pequeno grupo junta-se à volta de um pano grande de cores psicadélicas sob o qual os objectos feitos em casa são dispostos. Pela única aresta livre do pano vão entrando os olhares dos possíveis compradores destes objectos que geralmente têm uma linha pessoal, de onde retiram toda a sua magia. Os objectos mais comuns são bolsas, sandálias, incensários, candelabros, cinzeiros, brincos, pulseiras e voltas, feitos sobretudo de materiais naturais. À disposição de cabelos e peles há quem faça tranças, tereres, rastas e tatuagens temporárias em henna. Claro que também existem bancas com o tal artesanato «legal» ou até pequenas lojas «chinesas» em miniatura. Aspecto muito importante dos festivais é a parte financeira que eles representam para as povoações, pois a festa “apodera-se de qualquer espaço...; a rua, os pátios, as praças” (Sanchis, idem, 141 citando J. Duvignaud). Os cafés e supermercados enchem-se. Os locais preparam-se mesmo para esses dias com medidas de segurança especiais, como limitação de entradas e verificação de notas falsas; bem como abastecendo-se de produtos em maiores quantidades como o pão, as bebidas, enlatados e repelentes de insectos (que em Vilar de Mouros conseguem ter um desejo de sangue humano insaciável).

A tarde pode ser ainda preenchida com os concertos do palco secundário, onde o público invariavelmente fica sentado no chão. Esta atitude leva a críticas de membros de algumas bandas, que pensarão ser superiores a quem os ouve. Dão-se também as deambulações (excelentes se entrarmos pela zona agrícola de Vilar de Mouros). À beira rio, sobretudo em Paredes de Coura, faz-se um enorme ajuntamento na praia fluvial para se tocar batuque em conjunto, tomar banhos de sol vendo dançar capoeira, jogar futebol e fazer malabarismo. Pode-se, por esta hora, recolher preservativos gratuitamente, visando o desejado encontro «maravilha». De resto, a profusão de pessoas interessantes à primeira vista é tão grande, que esse encontro é naturalmente ansiado. Os festivais são uma enorme oportunidade de conhecer outros espíritos, diferentes em aspecto e modos de vida, do círculo a que nos habituamos, daí que a descoberta seja ainda mais fascinante.

quando olhei para ti,
o teu sorriso conquistou o meu coração...
como uma reza de uma deusa para os seus crentes
e eu senti-te como nunca, eu apaixonei-me.

Há hora de jantar já a primeira banda do palco principal está a começar, o que faz com que tenha sempre pouca afluência. Os concertos são sem dúvida o momento mais mediático e o que congrega mais atenções, por ser o evento diário mais forte. Aliás pagou-se por eles. Mas a atenção prestada aos concertos pelos «campistas alucinados» não é enorme, talvez média seja a palavra. Claro que em comparação com as romarias, estes são mais concorridos em termos percentuais que os ofícios religiosos. Já que segundo Moisés Espírito Santo “qualquer que seja a região, apenas um quarto dos romeiros assiste aos ofícios católicos que lhes são propostos” (idem, 137). Pierre Sanchis avisa que “enganar-se-ia completamente quem imaginasse a romaria como um conjunto de «crentes», exclusivamente dedicados a actividades formalmente religiosas” (idem, 139). Tal como se enganaria quem pensasse que os festivais são um conjunto de fãs musicais dedicados a actividades auditivas e visuais frente a um palco do tamanho de um prédio de quatro andares.

A entrada para o recinto dos concertos é feita em pouco ou muito tempo, dependendo sobretudo da quantidade de entradas (muitas em Vilar de Mouros, poucas em Paredes de Coura) e do sistema de ingresso. Quando a organização tem o bom senso de investir em pulseiras, a entrada é fluída; quando se tem de guardar bilhete e mostrá-lo, aí, as filas crescem muito facilmente. Para além disto, as pulseiras têm a vantagem de não se rasgarem, não se perderem, nem se estragarem na água. A fila para entrar nos concertos assemelhar-se-á em sentido às filas de espera para fazer a visita ao santo (vid. Espírito Santo, idem, 139). Trata-se de ver os ídolos, embora sem a condicionante das promessas ou bençãos, apenas o êxtase.

As bandas mais conceituadas tocam em último lugar, exceptuando se é muito tarde para os pré-requisitos contratuais estabelecidos, actuando assim em penúltimo.

O recinto de concertos é bastante diferente nos dois festivais: em Coura situa-se num anfiteatro natural, sendo o palco visível de qualquer lugar; em Vilar de Mouros, como o recinto é plano, a visibilidade diminui. O tipo de bandas é também diferente. Vilar de Mouros devido ao seu historial, procura agradar também aos frequentadores mais velhos. Paredes de Coura sempre se virou

para o público jovem e sobretudo alternativo, ou seja, procurando trazer bandas não muito comerciais – esta tendência tem se vindo a modificar. Ligando-os há o facto de a maior parte das bandas ser de reconhecida qualidade ou mediatidade.

O recinto é a única zona controlada, este exercício é feito por seguranças contratados que de ano para ano vão-se tornando mais controlados no exercício da força física. Ao ajudar muitas vezes pessoas que se sentem mal na zona em frente ao palco desempenham um importantíssimo papel. Durante os concertos, esta zona fica cheia, ao ponto de ser impossível atravessá-la sem uma grande dose de paciência e força. À medida que nos vamos afastando do palco, vai diminuindo o número de pessoas por «metro quadrado».

A recepção às bandas varia entre o endeusamento e os apupos. Vai-se assistindo sentado, dançando, «moshando» ou vagueando. Tem se tornado uma constante nos últimos três anos os assobios a bandas mais estranhas/inovadoras e a bandas de rock mais calmas. Esta atitude parte sobretudo das pessoas que só vão aos concertos, pessoas da zona que não estão acampadas e dos grupos vindos das zonas rurais, provavelmente não muito habituados à variedade auditiva das zonas urbanas. A música de dança e de rock intermédio entre o calmo e o muito pesado são as mais bem recebidas. No recinto vai-se, claro está, deambulando pelos concertos, barracas de cerveja, zona de artesanato, tendas de circo com música de dança ou alternativa em relação ao que se ouve em palco. No último ano havia em Paredes de Coura um magnífico circo, «*the freak show*», com toda uma série de objectos estranhos, como bolor em frascos, barbies de duas cabeças, ursos de peluche cortados ao meio, bailarinas com cabeça de crocodilo, ou um improvável espelho mágico com uma câmara de filmar escondida, recolhendo imagens que eram transmitidas a quem passava na última fase da exposição.

No fim dos concertos começam as raves que duram até de manhã. Quem quiser algo mais chill-out pode ir para o sono merecido, aventurando-se pelo labirinto de tendas, fios e fitas na escuridão nocturna, quebrada aqui e ali por pequenos holofotes no cimo de postes. Dentro da tenda entra-se para o sacco-cama, espera-se que a noite não seja muito húmida ou fria, de maneira à tenda não ficar ressoada por dentro e sonha-se em não ter de acordar a meio

da noite com vontade de ir à casa-de-banho²⁰⁰. A última hipótese é recuperar o nível de comida no organismo e juntar-se aos ritmos xamânicos dos tambores, ao descontrolo da bebida ou à espiralante visão do haxixe até que o cansaço vença. Se de repente for de manhã tanto melhor, não se será acordado pela luz e calor solares. «Vai uma bejeca e 'bora aí acordar os aterrados?»

“O sagrado é sempre perigoso para quem entra em contacto com ele sem estar preparado, sem ter passado pelos «movimentos de aproximação» que qualquer acto de religião requer” (Eliade, idem, 459). «Os movimentos de aproximação», ou a iniciação, são feitos ao longo de todos estes actos diários: o banho gelado, a comida de lata, os encontrões no recinto, a procura da tenda no escuro, as casa de banho...

Ao abandonar o festival “de espaço profano que ele era até então, tal lugar ascende à categoria de espaço sagrado” (Eliade, idem, 455) depositário de vivências tal como este texto.

Sobre os dias posteriores diz-se: “Quem vai à festa, três dias não presta” (Espírito Santo, idem, 72), sendo perfeitamente natural haver o tempo de equilíbrio em que o corpo descansa e recupera. Mas, e há sempre um mas, certo? Se houver um festival no fim-de-semana a seguir, nada melhor que apanhar uma camioneta e continuar o turismo: «fique fora cá dentro»...

...cumprimentos para os viajantes...

quando o vale está repleto de uivos, gritos e assobios,
eu elevo-me em sensações alegres e só me apetece rir...

²⁰⁰ Quase me esquecia destas fisiologias... as casas de banho são uma enorme aventura, são o verdadeiro teste à capacidade respiratória e enjoativa de cada um. Elas são cubículos em plástico com um buraco que tem ligação directa (sem tubos) para um reservatório onde se acumulam todos os dejectos à vista. Com o calor o cheiro torna-se bastante incomodativo, no mínimo. “Se a festa é o tempo da alegria, é também o tempo da angústia” (Caillois, idem, 97).

BIBLIOGRAFIA

CAILLOIS, Roger

1998 *O Homem e o Sagrado*. Edições 70, Lisboa

CARDOSO, M. Esteves

1995 *A Causa das Coisas*. Assírio & Alvim, Lisboa, 14^o ed.

DIAS, Manuel

1985 *Milagres e Crendices Populares*. Brasília Editora, Porto.

ELIADE, Mircea

1997 *Tratado de História das Religiões*, ed. Asa, Lisboa, 3^a ed.

ESPÍRITO SANTO, Moisés

1990 *A Religião Popular Portuguesa*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2^a ed.

GASPAR, J. M.

2002 “É comum cada um fumar o seu charro”. In: MENDES, F. M. (dir.)
Jornal de Notícias 14.07.2002. Porto.

HATZFELD, Henri

1997 *As Raízes da Religião*. Instituto Piaget, Lisboa

OLIVEIRA, E. Veiga de

1995 *Festividades Cíclicas em Portugal*. Pub. Do Quixote, Lisboa, 2^a ed.

RAPOPORT, Amos

1994 Spatial Organization and the Built Environment. In: INGOLD, Tim
(ed.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Routledge, London
and New York, pp. 460-501.

SANCHIS, Pierre

1992 *Arraial: Festa de um Povo. As romarias portuguesas*. Publ. Dom
Quixote, Lisboa, 2^a ed.